

## RODA DE LEITURA: EXPERIMENTAÇÕES GEOGRÁFICAS PELAS TRAMAS LITERÁRIAS

Jeani Delgado Paschoal Moura<sup>1</sup>

*"Qualquer pessoa que examine o mundo ao redor de si é, de algum modo, um geógrafo".*  
(LOWENTHAL, 1985, p. 106)

A Roda de Literatura é realizada, semestralmente, no Programa de Educação Tutorial (PET) do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Londrina/UEL, em busca do diálogo entre Geografia e Literatura. O PET atua de forma integrada, visando o aprimoramento na formação acadêmica dos graduandos, por meio de atividades vinculadas ao ensino, pesquisa e extensão, cujas ações educativas potencializam o crescimento pessoal e profissional. O PET de Geografia é composto por doze graduandos bolsistas, em níveis diferenciados de formação, além do tutor e de professores e alunos colaboradores. O entrelaçamento de saberes é um dos pilares que sustenta as atividades do PET, assim, as narrativas literárias são um desafio para pensar a condição humana e aguçar a imaginação criadora, vão além da imagem sistematizada e científica de mundo, pois "a literatura, em todos os seus gêneros, produz uma espécie de conhecimento que cientista nenhum produz [...] um conhecimento criativo, que estimula o pensamento e a imaginação" (MARANDOLA JR.; GRATÃO, 2010, p. 10).

Com o objetivo de descobrir a literatura como uma experiência humana e investigar o mundo pelas tramas literárias, apresentamos

<sup>1</sup> Tutora do Programa de Educação Tutorial (PET) de Geografia, da Universidade Estadual de Londrina (UEL). [jeanimoura@uol.com.br](mailto:jeanimoura@uol.com.br).

✉ Rodovia PR-445, Km 380, s/n, Campus Universitário, Londrina, PR, 86057-970.

a roda de literatura como uma experimentação na formação do geógrafo-educador, pois as maneiras de ser no mundo e a problemática da existência é capaz de provocar "[...] questões filosóficas como verdade, totalidade, ser e não-ser, realidade, imaginação, sonho, consciência e inconsciência" (MARANDOLA JR., 2005, p. 51). Com estas experimentações o nosso intento foi "[...] reavivar a antiga ambição [dos geógrafos] de se aproximar da produção literária, na escrita e no conhecimento" (MARANDOLA JR.; GRATÃO, 2010, p. 9). O contato com obras de diversos gêneros e estilos literários, com suas distintas espacialidades e temporalidades, permitem percepções singulares do mundo que as mesmas revelam e apontam para uma gama de possibilidades de leituras geográficas, num misto de interpretações que se espraiam por vertentes diferenciadas.

As rodas de literatura acontecem fora da universidade em ambientes informais de aprendizagem, em geral em locais públicos da cidade de Londrina, onde é possível contar com a presença da comunidade que deseja partilhar experiências de leitura-mundo (FREIRE, 1989), envolvendo obras literárias. Pelo seu caráter poético, a leitura de uma narrativa desperta no leitor a fantasia, numa dimensão sensível e simbólica, cria imagens de um mundo não vivenciado corporalmente, mas significado pela potência da imaginação que se desperta/liberta. A conversação sobre esta experiência de leitura pode ser contemplada na Figura 1, que expressa uma das rodas de literatura vivenciada no SESC Londrina Cadeião, um importante centro cultural que oferece à população atividades diversas relacionadas à Cultura (Artes Cênicas, Artes Plásticas, Literatura, Cinema, Música e Exposições), Educação, Esporte e Lazer, Turismo, Saúde e Ação Social.

A Figura 2 se trata de uma foto encenada no Café com Propósito, da baixa gastronomia de Londrina, 100% vegano. Levamos a roda de





Figura 1: Roda de Literatura no Sesc Londrina Cadeião.  
Foto: Arquivo PET/Geografia/UEL, 2016.

literatura para este espaço para conectar o grupo com um ambiente poético de incentivo à arte do encontro casual, da boa conversa, de leituras compartilhadas e tantas outras atividades individualizadas ou coletivas.

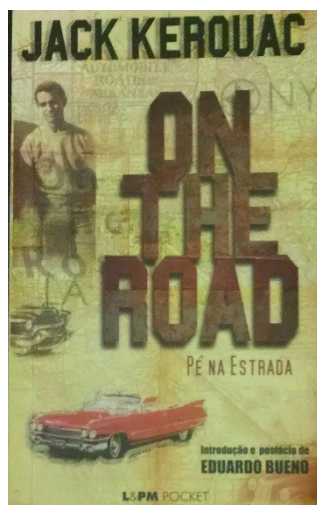
A partir desta ambiência de leitura nos aventuramos na arte de conversar sobre os gêneros literários escolhidos pelos geógrafos-leitores. “Os lugares em que vivemos, aqueles que visitamos e percorremos, **os mundos sobre os quais lemos** e vemos em trabalhos de arte, e os domínios da imaginação e de cada fantasia contribuem para as nossas



Figura 2: Roda de Literatura no Café com Propósito, Londrina/PR.  
Foto: Arquivo PET/Geografia/UEL, 2016.

imagens da natureza e do homem” (LOWENTHAL, 1985, p. 141, destaques acrescentados). Na medida em que as narrativas escolhidas foram sendo apresentadas, as imagens de homem e natureza foram se revelando em *terrae incognitae e cognitae*, (LOWENTHAL, 1985), geografias pessoais e imaginadas, compondo um misto de realidades geográficas. Adiante são apresentados os resultados destas experimentações pedagógicas por meio das resenhas que descrevem experiências geográficas, escritas pelos participantes da nossa roda de literatura.





KEROUAC, Jack. **On the Road - Pé na Estrada**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

Matheus Henrique Balieiro<sup>2</sup>

Intensa, selvagem e subversiva, *On the Road* é um retrato feito à imagem e semelhança de seu criador, Jack Kerouac, principal representante do movimento *Beat*. Nascido em 12 de março de 1922, Kerouac era o mais novo de três filhos, numa família de origem franco-canadense da classe trabalhadora. Ainda jovem, se destacou como jogador de futebol americano, fato que lhe proporcionou uma bolsa de estudos na Universidade de Columbia, em Nova York, onde conheceu muitos dos companheiros de viagem que seriam retratados em *On the Road*, fazendo da universidade o berço do movimento literário conhecido como *Beat*. O livro foi escrito em 1951, e concebido originalmente como um relato semiautobiográfico, dos últimos sete anos de peregrinação do autor pela América do Norte, especialmente Estados Unidos e México. Tudo em torno do processo de escrita da obra tem ares míticos, sendo que segundo consta, a mesma foi produzida em apenas três semanas, em que Kerouac, à base de benzedrina e café, escreveu em ritmo obsessivo, utilizando-se de um estilo

<sup>2</sup> Graduando do 4º ano do Curso de Geografia e Bolsista PET/UEL. mhbalieiro@gmail.com.

literário próprio, denominado prosa espontânea. Tudo isso resultou num texto em primeira pessoa, datilografado ininterruptamente (sem parágrafos ou vírgulas) em um rolo de 40 metros de papel para telex. Obviamente, essa primeira versão da obra foi duramente rejeitada pelas editoras, e só publicada seis anos depois, com alterações agressivas não só na forma de escrita (foram adicionados parágrafos e a devida pontuação) quanto em seu conteúdo (os nomes de pessoas reais que apareciam na versão original, foram substituídos por pseudônimos, e alguns temas polêmicos como o homossexualismo foram suavizados ou retirados) sendo que o próprio autor se mostrou insatisfeito com a versão final da obra. Entrementes, muito da originalidade de Kerouac permanece nas páginas do romance, é válido destacar a linguagem informal ou *hip talk*, repleta de gírias e palavrões da época, e a sonoridade da escrita, que através da escolha de palavras e a estrutura das frases favorece a leitura em voz alta. *On the Road* conta a história de Sal Paradise (alter ego de Kerouac), durante os anos subsequentes à Segunda Guerra Mundial, em que ele e alguns colegas, poetas e escritores em sua maioria, se aventuram “na estrada”, em longas viagens entre Nova York, Los Angeles e o México. Munidos de pouco dinheiro, e embalados ao som do *jazz*, a obra retrata uma jornada em busca de autoconhecimento, espiritualidade, libertação sexual e desapego material.

De fato, seu impacto foi tão marcante, que é considerada por muitos, a maior influenciadora dos movimentos de vanguarda, do *rock* ao *pop*, dos *hippies* aos *punks*. Basicamente o que moldou o comportamento dos jovens a partir da segunda metade do século XX teve início em *On the Road*. Em essência, a obra pode ser interpretada como uma crítica ao *american way of life* que tomava forma no período pós-segunda guerra. O estabelecimento de um modelo que nortearia como os cidadãos deveriam se portar, trabalhar, amar e sonhar. O

estilo de vida desses jovens delinquentes, ainda que por vezes imoral e ilegal, denotava uma ruptura com a sociedade de consumo e os padrões conservadores que vigoravam na época. Na visão dos *beats*, as pessoas que realmente mereciam ser louvadas eram aquelas que fugiam desses padrões, como descrito por Sal no seguinte trecho: [...] Mas nessa época eles dançavam pelas ruas como piões frenéticos e eu me arrastava na mesma direção como tenho feito toda a minha vida, sempre rastejando atrás de pessoas que me interessam, porque, para mim, pessoas mesmo são os loucos, os que estão loucos para viver, loucos para falar, loucos para serem salvos, que querem tudo ao mesmo tempo agora, aqueles que nunca bocejam e jamais falam chavões, mas queimam, queimam, queimam como fabulosos fogos de artifício[...] (p. 24, 25). A personificação de tal loucura é Dean Moriarty, personagem inspirado em Neal Cassady, amigo de Kerouac. No romance, Dean se torna um movimentador da trama, um anti-herói que sempre convence Sal a mais uma viagem, mais uma festa, mais uma insanidade. Atlético e extremamente carismático, Dean é um personagem complexo, conturbado e dúbio. Sua personalidade magnética é tão poderosa que, por vezes, nos esquecemos dos roubos, abandonos e agressões domésticas por ele cometido. Ainda assim, Kerouac o retrata como um beato da estrada, um santo. Inclusive, a única vez em que a palavra *beat* aparece no livro, é em referência a Dean Moriarty: “Ali estava um BEAT – a raiz, a alma da Beatitude” (p. 240).

Outro discurso presente nas linhas do romance é o antinacionalista, sendo evidenciado, principalmente, na última viagem transcrita no livro onde Sal, Dean e Stan, partem para a Cidade do México. Assim que cruzam a fronteira, os personagens passam a ter *insights* sobre como sua percepção de mundo era limitada e como o mundo guarda incontáveis experiências a lhes oferecer. “Agora, Sal, estamos deixando

tudo para trás e entrando numa nova fase desconhecida. Todos esses anos, essas complicações, esses baratos todos – e agora isso! De modo que seguramente podemos deixar tudo para lá e apenas seguir em frente, com a cara para fora da janela, assim, e compreendermos esse mundo de uma forma como, para falar com genuína franqueza, os outros americanos antes de nós não conseguiram fazer [...] É o mundo” disse Dean. “Meu Deus!”, uivou, batendo no volante. “É o mundo! Podemos seguir até a América do Sul, se houver estrada. Pensa nisso! Puta que pariu! Puta merda!” (p. 335).

Do ponto de vista geográfico, a obra se torna interessante por se tratar de uma publicação semiautobiográfica. As descrições das paisagens partem diretamente das memórias do autor, fruto de sua experiência vivida anos antes, completamente embebidas pela subjetividade do olhar de Sal Paradise (Jack Kerouac) influenciado por suas emoções, ideologias e até o efeito de entorpecentes. No bojo da Geografia Humanista, a paisagem não resume a um processo de percepção vinculado unicamente à recepção passiva dos sentidos, mas ao de atribuir-lhes significado. As paisagens descritas no livro não são estáticas como uma pintura ou fotografia, pelo contrário, são vivas, cheias de significado e trazem consigo parte da experiência de quem as descreveu. A obra nos brinda com excertos altamente carregados com a emoção de Kerouac como, por exemplo, a viagem ao México, ganha ares oníricos, quase surrealistas e transcendentais, carregados com os cinco sentidos do protagonista: “Peguei o volante e dirigi em meio aos meus devaneios, através de Linares, através da calorenta e plana região pantanosa, através do abafado rio Soto la Marina, próximo a Hidalgo e adiante. Um enorme vale de selva verdejante com amplos campos cultivados surgiu à minha frente. Grupos de homens nos observavam passar, reunidos ao lado de uma velha ponte enferrujada. O rio aquecido fluía a frente” (p. 339).

Em síntese, *On the Road* é mais do que um registro de viagens ou um compêndio com as memórias de um jovem desajustado. É o retrato de seu autor e de uma geração que abalou o *status quo*. É a primeira peça de dominó derrubada, que desencadeou o novo *zeitgeist* do século XX e esculpiu no imaginário popular a imagem do jovem rebelde, crítico e impulsivo. Essa pode não ser uma leitura fácil, ou esclarecedora. Pelo contrário, fácil mesmo é se perder no emaranhado de nomes, cenários, músicas e situações contidas na obra. Mas não é esse a essência do jovem? Não é esse o resultado de, nas palavras de Lobão, preferir viver 10 anos a mil, do que mil anos a 10? Pé na Estrada é uma ode à liberdade, bem como as consequências de se utilizá-la sem limites. Se você se identifica com tal ideal, agradeça a Kerouac, pois existe um pouco de *On the Road* em você.

.....

CALVINO, Ítalo. **As cidades Invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, 150 p.

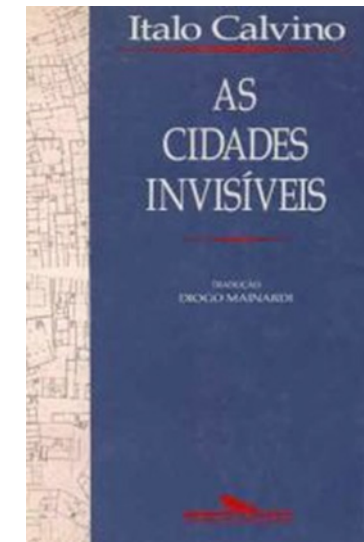
Ana Carolina dos Santos Marques<sup>3</sup>

Ítalo Calvino (1923-1985) nasceu em Santiago de Las Vegas, Cuba e, logo em seguida, foi para a Itália. Sua primeira obra é o *Il Sentiero dei Nidi di Ragno*, em 1947. Dentre suas inúmeras obras estão: O castelo dos destinos cruzados, As cosmicômicas, Fábulas Italianas, Os amores difíceis e Marcovaldo ou As estações na cidade.

<sup>3</sup> Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), bolsista PET. anaaa@hotmail.com.

Cidades invisíveis é um romance, publicado em 1972, em que Calvino apresenta descrições de 55 cidades com nome de mulheres, que são classificadas em 11 grupos: As cidades e a memória; As cidades e o desejo; As cidades e os símbolos; As cidades delgadas; As cidades e as trocas; As cidades e os olhos; As cidades e o nome; As cidades e os mortos; As cidades e o céu; As cidades contínuas; e as cidades ocultas.

Na obra, o escritor imagina conversas fictícias em que Marco Polo, viajante veneziano, descreve ao imperador Kublai Khan, as inúmeras paisagens das cidades de seu grande império mongol, as quais nunca poderá experimentar corporalmente, pois são lugares da imaginação. Inicialmente Kublai se mostra impressionado com a riqueza e magnitude de seu império, mas, começa a duvidar, indagando o viajante se não são apenas de frutos de sua imaginação ou se o seu império seria mesmo tão majestoso: "As suas cidades não existem [...] Porque se enganar com essas fábulas consolatórias? Sei perfeitamente que o meu império apodrece como um cadáver no pântano [...] Polo então reitera: Sim, o império está doente e, o que é pior, procura habituar-se às suas doenças. O propósito das minhas explorações é o seguinte: perscrutando os



vestígios de felicidades que ainda se entreveem, posso medir o grau de penúria. [...]” (p. 57).

A intensidade poética das cidades de Calvino estão presentes nos conjuntos de pontos, linhas e áreas fragmentadas e articuladas em um império, algumas construídas a partir da percepção de seus habitantes, outras planejadas nos mínimos detalhes, além daquelas constantemente reconstruídas. As descrições fantasiosas apresentam condicionantes sociais, cujos habitantes moldam as suas vidas. Calvino revela a sua paixão pelas cidades e proporciona ao leitor uma descrição com leveza e enorme riqueza de detalhes e multiplicidades de imagens, símbolos e interpretações capazes de levar a uma viagem imaginária pelas cidades do império de Kublai.

Os relatos sobre as cidades fantásticas levam o leitor a uma multiplicidade e diversidade de detalhes dos lugares da imaginação, que carregam em si verossimilhanças com as cidades reais, seja na beleza, na grandeza, na perfeição, no caos, na construção, na disposição das ruas, na hidrografia ou no comércio.

A leitura da obra possibilita múltiplas interpretações acerca da essência das cidades, pelo seu caráter subjetivo proporciona, a cada leitor, uma interpretação. O próprio Calvino ressalta a subjetividade implícita na descrição da cidade de Cecília por meio de um diálogo entre Polo e um pastor: “[...] Às vezes ocorre de eu e as cabras atravessarmos cidades, mas não sabemos distingui-las. Pergunte-me o nome dos pastos: conheço todos [...]. Para mim as cidades não têm nome: são lugares sem folhas que separam um pasto do outro e onde as cabras se assustam nas encruzilhadas e debandam [...]”. Na resposta de Marco Polo, destacamos essa subjetividade: “Ao contrário de você, só reconheço as cidades e não distingo o que fica de fora. Nos lugares desabitados, as pedras e o prado confundem-se aos meus olhos com todas as pedras e prados” (p. 138). Cada cidade é única em

sua paisagem, porém possui elementos semelhantes, em que uma característica está presente em outras, além de que uma cidade pode inspirar a construção de outras.

A obra é repleta de místicas espaciais, em que as cidades de Maurília, Fedora, Zobeide, Valdrada, Esmeraldina, Fílida, Eudóxia, Clarisse, Leônia, Perinziã, Andria e Cecília elevam a imaginação e a identificação das diversas geografias presentes na narrativa, levando o leitor, de lugares imaginados a um despertar para o mundo real. Algumas destas merecem um destaque especial por apresentarem discussões atuais, nos levando a uma incessante busca por significados.

A cidade de Maurília revela a mudança e o desenvolvimento pelos quais as cidades passam devido ao desenvolvimento econômico, social, industrial e tecnológico. Maurília expõe o debate entre o novo e o velho, entre a Maurília metrópole e a Maurília provinciana, em que se admira muito o velho por meio de cartões-postais, porém é necessário preferir o novo.

Fedora expressa o desejo por uma cidade diferente, melhor talvez, existem esferas de vidro em um palácio de metal que contém as formas que a cidade poderia ter senão fosse tal como é. Fato que se associa ao desejo que pessoas de todo o mundo possuem por uma cidade diferente, como por exemplo, limpa, sustentável, rica, majestosa, desenvolvida ou com inclusão social.

Em Eudóxia há um tapete em que se pode contemplar toda a forma da cidade, refletindo as linhas, pontos, formas e fixos. Marco Polo relata que é fácil perder-se em Eudóxia, porém “quando se olha atentamente para o tapete, reconhece-se o caminho perdido num fio carmesim ou anil ou vermelho amaranto que após um longo giro faz com que se entre num recinto cor púrpura que é o verdadeiro ponto de chegada”. O tapete de Eudóxia nada mais é que o mapa das cidades atuais e do mundo, tão importante ao geógrafo, útil à localização e à



identificação dos lugares. Calvino revela por meio dessa descrição o quão importante considera essa ferramenta para uma cidade.

Nas descrições sobre Perínia, o escritor reflete sobre a importância do planejamento para uma cidade, apesar deste não ter tido o sucesso pretendido, como acontece em muitas cidades do mundo. Planejar requer imaginação criativa, num movimento de imersão nos espaços invisíveis, ou pelas percepções sensoriais que levam ao pensar para além do que o olhar pode captar.

Ândria, expressa uma importante questão para se pensar quando pretende-se modificar uma cidade, Polo descreve “[...] Convictos de que convictos de que cada inovação na cidade influi no desenho do céu, antes de qualquer decisão calculam os riscos e as vantagens para eles e para o resto da cidade e dos mundos” (p. 137). Ândria demonstra uma preocupação na modificação do espaço geográfico que todas as cidades deveriam possuir, inúmeros agentes do espaço alteram este sem pensar nas consequências, causando grandes problemas futuros.

Em Leônia, o consumismo é exacerbado, a cidade se refaz todos os dias: “[...] mais do que pelas coisas que todos os dias são fabricadas vendidas compradas, a opulência de Leônia se mede pelas coisas que todos os dias são jogadas fora para dar lugar às novas” (p. 105). Leônia remete aos escritos de Bauman (2011) que ressalta que na modernidade líquida o prazer está em descartar as coisas e não adquiri-las, o tempo na modernidade é pontilhisto em que a razão para se apressar não é adquirir e possuir quanto possível, mas sim descartar e substituir o máximo que puder, o passado é anulado a todo o momento e objetiva-se “nascer novamente”. Porém, o consumo exacerbado de Leônia e o rápido descarte incorreto das coisas, gera o lixo, um dos grandes problemas ambientais tanto de Leônia quanto das cidades atuais. Polo descreve: “[...] quanto mais expele, mais coisas acumula; as camadas do seu passado se solidificam numa couraça impossível de se tirar;

renovando-se todos os dias, a cidade conserva-se integralmente em sua única forma definitiva: a do lixo de ontem que se junta ao lixo de anteontem e de todos os dias e anos e lustros” (p. 106). As cidades descritas por Marco Polo possibilitam uma viagem ao imaginário, resgatando memórias e incitando sonhos, cada uma possui um significado e como diria o viajante: “De uma cidade, não aproveitamos a sua sete ou setenta e sete maravilhas, **mas a resposta que dá às nossas perguntas**” (p. 44 – grifo meu).

Ler Calvino aguçou a percepção e fez refletir sobre as nossas concepções acerca das cidades e de suas redes de significações plurais. Muitas geografias afloram no diálogo entre as personagens, abrindo um leque de possibilidades para estudar, no campo de investigação da Geografia Humanista, a essência dos lugares na/da cidade.

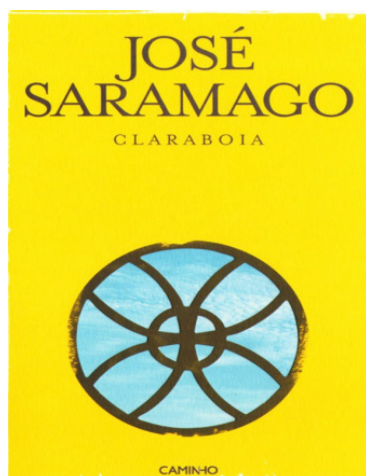
.....

SARAMAGO, José. **Claraboia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, 377 p.

Matheus Oliveira Martins da Silva<sup>4</sup>

Apesar de sua publicação apenas em 2011, Claraboia foi uma das primeiras obras de literatura escrita em 1940 por José Saramago, escritor português (16/11/1922- 18/06/2010), humanista, reconhecido pela sua obra “Ensaio sobre a Cegueira” e ganhador do prêmio Nobel em 1998. O livro retrata temas cotidianos, como por exemplo os problemas de casais, relação entre pai e filhos e o medo de se

<sup>4</sup> Bacharelado em Geografia. Universidade Estadual de Londrina. Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) Geografia. oliveiramartins.matheus@gmail.com.



prender a algo. Apresenta narrativas sobre o amor entre idades diferentes, problemas de casais, as mais diversas relações entre pais e filhos e situações que, aparentemente, são simples, mas que, ao se explorar, tornam-se completamente complexas. A sua ficção é capaz de afetar a humanidade por problematizar a realidade em escala reduzida, traz à tona questões existenciais universais.

O romance é vivido em um prédio popular de três andares e seis apartamentos numa rua de Lisboa que através dos parágrafos torna-se o cenário em escala ideal para retratar os temas acerca da sociedade e, com isso, as características individuais de cada personagem se tornam o produto principal da literatura - "...a rapariga espreguiçava-se devagar, saboreando o distender dos músculos. A camisinha enfeitada de rendas abria-se no movimento em que o peito alargava [...]" (p.24). Assim, o leitor é convidado a compartilhar junto ao autor as impressões das personagens através de uma história controlada pelos vizinhos de prédio e os problemas econômicos apresentados em cada momento.

O personagem central da história é o sapateiro Silvestre, que logo no início do

livro é apresentado como mais um dos milhares de trabalhadores – "Regressou ao quarto e caminhou para a janela. Afastou a cortina que formava um pequeno biombo que o isolava do quarto. Havia um estralado alto e sobre ele a banca do trabalho" (p.13), ganhando o mundo através da janela de sua oficina e considerado um grande sábio ao decorrer do livro junto ao seu hóspede, o jovem Abel, onde compartilham ideias e pensamentos diários.

Temas como religião e empoderamento feminino são trabalhados como pilares da formação humana, em que a religião, muitas vezes, deixa de cumprir a sua tarefa, o que é uma crítica trabalhada entrelinhas em outros livros do autor. "Carmen [...] como os vencedores das batalhas medievais, ficou no campo depois da luta. Vencera" (p.160).

Em síntese, o livro é uma metáfora sobre o seu próprio título, onde se deixa claro que apesar de muitos questionamentos que surgem diariamente nas mais diversas situações – "Sem contar que pode a mesma resposta servir a vários, servindo também a cada um outra resposta que não serve aos outros (p.252)", com isso, "Vivemos entre os homens, ajudemos os homens (p.371)" e devemos evitar que a nossa vida se torne uma claraboia que nos deixe em uma eterna solidão, ou ainda, um objeto sem valor e retorno à sociedade.

Ao ficcionalizar a realidade, o romancista evidencia, na escala da experiência, grandes dilemas da existência humana, concentrando seus esforços em reflexões sobre o ser-no-mundo. Esta obra merece ser lida por aqueles que anseiam encontrar o sentido das coisas e desvelar as realidades por meio das experiências vividas.

.....





ORWELL, George. **A revolução dos bichos**: um conto de fadas. Trad. Heitor Aquino Ferreira. São Paulo: Companhia da Letras, 2007.

Pedro Paulo Rangel Balikian<sup>5</sup>

George Orwell é um pseudônimo do autor da obra *A Revolução dos Bichos*, chamado Eric Arthur Blair. Nascido em 1903 na Índia, Eric foi um jornalista e crítico, que estudou em escolas tradicionais na Inglaterra. Além desta obra publicou outras, *Na pior em Paris e Londres* e *Como morrem os pobres e outros ensaios*. Eric viveu na Inglaterra em um tempo marcado pelas grandes guerras mundiais, e faleceu em 1950 de tuberculose (ORWELL, 2007).

O contexto histórico da obra se passa no final da Segunda Guerra Mundial, e início da Guerra Fria, ou seja, contexto de um mundo dividido em dois grandes blocos, o capitalista e o socialista. A obra surge como uma crítica ao sistema ditatorial instalado na União Soviética, e, por isso, houve certa dificuldade na aceitação e publicação da mesma, uma vez que os soviéticos eram aliados aos

<sup>5</sup> Graduando do 3º ano do curso de Geografia pela UEL, bolsista PET. pprangelbalikian@gmail.com.

ingleses contra o nazismo alemão. E esta não foi a única situação desconfortável para o autor, mais tarde com o fim das guerras e a ascensão do capitalismo, o livro foi usado como arma anticomunista pelo mundo ocidental.

Através desta obra, Orwell busca fazer analogias aos sistemas capitalista e comunista, utilizando uma granja como cenário e os animais como forma de personificação dos humanos. A história se desenrola quando um respeitado integrante da granja, o porco Major, convoca os animais e apresenta uma ideia de revolução contra o explorador Sr. Jones, dono da granja. Momento em que o Major postula regras e axiomas a fim de garantir o sucesso da revolução e um novo modelo societário denominado de animalismo. Eis os sete mandamentos da revolução dos animais: 1 – Qualquer coisa que ande sobre duas pernas é inimiga; 2 – O que andar sobre quatro pernas, ou tiver asa, é amigo; 3 – Nenhum animal usará roupa; 4 – Nenhum animal dormirá em cama; 5 – nenhum animal beberá álcool; 6 – Nenhum animal matará outro animal; 7 – Todos os animais são iguais. A canção intitulada “Animais da Inglaterra”, representou o símbolo da liberdade na medida em que leva os animais a perceberem a sua condição existencial e, com isso, o poder de modificar as coisas lutando para se libertarem. Pouco tempo após a reunião, o venerável porco Major faleceu, mas a revolução acontece de fato e os animais conseguem se libertar e tomar posse da granja dos animais, ou do seu mundo vivido. No princípio todos desfrutam da nova liberdade e do sentimento de pertencimento ao lugar pela sensação de não serem mais explorados. Os animais trabalham por livre e espontânea vontade, atingindo um bom desempenho em seu mundo geográfico cotidiano. Porém, surgem dois porcos que ocupam posições de liderança. Um deles é Bola-de-Neve, um animal esperto que segue os mandamentos postulados pelo

Major, e o outro, é Napoleão, um porco igualmente inteligente, mas que não possui a consciência para viver de acordo com o animalismo.

Neste ponto, fica clara uma das principais ideias do autor, qual seja, toda ideologia depende diretamente das pessoas que a executarão. Tendo em mente o contexto histórico, é possível fazer uma analogia entre seus personagens e figuras históricas. O Major por exemplo estaria representando Karl Marx, com seus ideais e suas críticas ao Sr. Jones (capitalismo). Bola-de-Neve pode ser comparado à Trotski, pois entendia os ideais postulados pelo seu antecessor, e buscava segui-los fielmente. Napoleão representaria Stalin, pois é o personagem que se apresenta de forma a ser o principal agente de exclusão dos princípios primordiais do animalismo (comunismo).

Através de desenrola com as personagens, Napoleão e Bola-de-Neve, se contrapondo em seus projetos. Em um determinado momento, Bola-de-Neve apresenta um projeto de um moinho de vento, que iria demandar um árduo trabalho dos animais, porém iria compensá-los no futuro, facilitando a vida com a geração de energia elétrica. E naturalmente, Napoleão se pôs contra o projeto, reunindo seguidores para sua oposição (em especial as ovelhas, que eram facilmente influenciáveis). Mas ao ver que por unanimidade, o projeto de Bola-de-Neve seria aceito, e todos começariam a trabalhar para a construção do moinho de vento, Napoleão pôs em prática seu plano secreto de expulsar Bola-de-Neve à força. Neste momento cães enormes entraram para matar Bola-de-Neve, que por pouco conseguiu fugir da granja. Esses cães foram treinados secretamente por Napoleão desde que eram filhotes, para servi-lo e obedecê-lo cegamente. Napoleão convence os animais de que é a favor da construção do moinho, e de que Bola-de-Neve era um traidor, aliado do Sr. Jones. A partir disso, ele toma o controle da granja, e vai instalando aos poucos, um regime exploratório e autoritário, mas sempre de forma não explícita, com a

ajuda de um outro porco chamado Garganta, que possuía uma ótima oratória e persuasão. Neste novo regime, os animais trabalhavam cada vez mais, e recebiam cada vez menos, enquanto Napoleão se intitulava líder absoluto e se condecorava, e os outros porcos desfrutavam de uma vida privilegiada.

Com o tempo, os animais começaram a perceber as divergências entre os ideais postulados pelo Major sobre o animalismo, e sua prática sob a liderança de Napoleão. Porém, os porcos utilizavam-se de várias táticas para enganar o resto dos animais, e persuadi-los a acreditar que tudo estava ocorrendo da melhor maneira possível, e além do mais, qualquer animal que protestasse era silenciado, mesmo que à força se necessário. Mais uma vez fica evidente a similaridade dos personagens com os respectivos agentes reais que o autor busca criticar. Os cães representam a polícia que obedecia às ordens no regime stalinista, a fim de reprimir quem protestasse ou realizasse qualquer ato contra o líder autoritário. E quanto mais se passava o tempo, mais os porcos se comportavam como humanos, vestindo suas roupas, bebendo álcool, e infringindo todas as leis primordiais do animalismo, adulterando-as para poder manter a falsa impressão de legalidade dos próprios atos.

Ao final, Napoleão e os porcos chegam ao ponto de negociar, e marcar reuniões com os humanos, de modo a se considerarem mais como humanos do que como animais. Assim seus pensamentos eram indistinguíveis dos humanos, e a granja volta a ser sujeita ao regime que existia anteriormente ao animalismo, com a diferença de que agora os animais não eram mais controlados por humanos, mas por outros animais.

De maneira geral, nesta obra o autor consegue realizar a ideia de que não importa o tipo de regime adotado, a partir do momento em que o poder cai nas mãos de um agente, todos ficam sujeitos às vontades desse agente. É interessante a forma como é retratado os estratos

sociais por meio dos personagens, como as ovelhas que representam aqueles com pouco conhecimento e que são facilmente influenciáveis, atrapalhando com suas vozes alienadas nos momentos decisivos, os cavalos que possuem a força de trabalho, mas não param para pensar no propósito de seu trabalho, os cachorros como aqueles que usam a força bruta para cumprir ordens cegamente, os burros que possuem um certo conhecimento, e, por isso, percebem o que acontece, porém sabem que nada mudará.

É na relação destas ideias que emergem as geograficidades contidas na obra, em que numa analogia possível à condição humana, a forma como os animais vivem revelam a sua condição e o seu destino. As geograficidades se presentificam na granja como um todo quando os porcos começam a frequentar a casa e a ter acesso às camas e elementos específicos do interior do lugar-casa. Durante as reuniões, os animais não estão posicionados de forma aleatória, mas de acordo com a sua função ou cargo que definem o seu lugar na granja e demonstra a existência de microterritorialidades, as quais se apresentam como a afirmação da identidade, do comum-pertencer de determinado grupo, ou mesmo de um indivíduo, a partir do lugar (HOLZER, 2014). Outros aspectos como a construção de estruturas em determinados lugares, como o moinho, que está sujeito à aprovação ou reprovação de quem se relaciona de alguma forma com o lugar. Enfim, o espaço retratado na obra é dinâmico e sofre modificações de agentes que possuem poder para moldá-lo de acordo com seus interesses.

Em geral, a maioria de animais trabalha muito e não é recompensada justamente, e a minoria de porcos explora o trabalho dos outros animais, para gozar de uma vida privilegiada. Apesar de ter sido publicada há muitos anos, ao denunciar aspectos políticos do comunismo soviético, esta obra se mostra recente por guardar uma relação de verossimilhança com vários aspectos da política atual. Fatos como o

de quando os porcos diminuíram a ração dos animais, e continuaram a manter as maçãs e o leite ordenhado das vacas para si, são facilmente relacionados com aspectos da política atual, não só brasileira, mas a mundial.

Para quem aprecia a temática, esta obra é referência e indicada para um público variado, desde escolares à acadêmicos.

.....

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Sentimento do Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Victor Rodrigues Messias<sup>6</sup>

Carlos Drummond de Andrade, nasceu em Itabira - MG, no dia 31 de outubro de 1902. Filho de fazendeiro, iniciou seus estudos em Itabira, depois foi estudar no Rio de Janeiro, mas foi expulso do colégio, com a justificativa de "insubordinação mental". Voltou a morar com a família, em Belo Horizonte, onde iniciou suas primeiras publicações no Diário de Minas. A poética do autor se caracterizam por uma liberdade linguística, verso livre e abordagem de temas cotidianos. Em seu terceiro livro publicado, *Sentimento do Mundo*, Drummond apresenta uma conectividade com a história e a política, voltando a sua atenção para os acontecimentos de sua época, como a violência no quadro mundial. Para apreciação e análise, selecionamos algumas poesias do livro, iniciando pela qual dá título ao livro, *Sentimento do Mundo*.

<sup>6</sup> Graduando do 2º ano do Curso de Geografia e Bolsista PET/UEL. victorrodrigues@tergeojr.com.





A poesia, *Sentimento do Mundo*, aponta a guerra e com ela uma dor, que o faz se perder e sentir que não há para onde ir, somente recordações e um desejo que morrerá, o eu lírico sabe que ficará sozinho, com suas recordações. Analisando as palavras e expressões que o autor utiliza podemos perceber que existe uma dor, que nasce de ver a situação do mundo na época, o que mostra o quanto o poeta se sensibiliza com o mundo a sua volta, expressado por sentimentos sobre a sociedade e o *tempus fugit*, tempo que foge e deixa marcas profundas. Nos excertos podemos observar as críticas à guerra e seu despreparo: “Os camaradas não disseram/ que havia uma guerra/ e era necessário/ trazer fogo e alimento”[...] “esse amanhecer/ mais noite que a noite”. O autor demonstra o fim de algo e começo de outro, que pode ser o fim de um conflito, mas que um pós-conflito é tão ruim quanto o próprio conflito, também pode-se entender a ideia de um ciclo, em que a noite e o amanhecer fazem parte de um processo comum ao tempo.

A segunda poesia do livro, *Confidência do Itabirano*, não foi escolhida por critérios sequenciais, mas pelo tema e estrutura abordado. O autor trata de um intimismo, expressando uma saudade de sua

cidade, descrevendo características de onde viveu, isso a partir da caracterização do Itabirano, como escreve nos três primeiros versos do primeiro parágrafo, “Alguns anos vivi em Itabira./ Principalmente nasci em Itabira./ Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.”, o que demonstra um eu lírico com orgulho de ser nascido e vivido em Itabira, e de fazer parte dela, com uma ligação maior do que ser só um morador. Nos três seguintes versos, o poeta escreve: “Noventa por cento de ferro nas calçadas./ Oitenta por cento de ferro nas almas./ E esse alheamento do que na vida é prosperidade e comunicação”, o que expõe a situação de Itabira, que é conhecida como “cidade do ferro”, pois a extração de minério de ferro, hematita, é a base da economia do município, porém o que Drummond aponta é que a presença do ferro é tanta que está impregnado na cidade e nas pessoas. Estas parecem alheias às coisas da vida como a prosperidade, pois em uma dedução é possível pensar que esse alheamento à prosperidade na vida está ligado ao que os populares da região entendem por próspero, o que não é, destruir o ambiente que vivem a partir da extração do minério de ferro. O autor demonstra uma saudade da simplicidade de sua antiga cidade, e ressalta que seu hábito de sofrer é algo que herdou de Itabira, diz as coisas que traz de Itabira, materialmente e pessoalmente e compara a vida que tinha na antiga cidade com a que tinha na época dos seus escritos, e reafirma sua dor pela saudade da terra natal, e como se tornara apenas uma lembrança.

A próxima poesia, *Revelação do Subúrbio*, o poeta descreve uma ação pessoal de forma poética e crítica, revelando como a sociedade é excludente, demonstrado nos versos: “O subúrbio todo se condensa para servisto depressa,/ com medo de não repararmos suficientemente/ em suas luzes que mal têm tempo de brilhar”, em outras palavras, o subúrbio não tem espaço e é visto de maneira simplória, mas, por

outro lado, segundo o poeta, o subúrbio tem força, “ele reage, luta, se esforça”, mas não consegue romper uma barreira imposta. Assim é o Brasil como diz o autor, “e à noite só existe a tristeza do Brasil”. Essa poesia revela uma preocupação de Drummond com o cotidiano da sociedade e com os acontecimentos de sua época. Diante da situação exposta, o poeta recorre a um sentimento triste, que traz seu cotidiano as expressões descritas, o que configura uma poesia densa de opinião e questionamento, que fazem reflexão a sua vida. Estes pontos se misturam no interior de sua poesia, proporcionando uma leitura que aprofunda o leitor nas cenas descritas.

Por fim, uma abordagem geográfica da obra por completo, pode ser exposta pelas poesias selecionadas, em que desde os títulos é possível entender o lugar, como uma prévia. O espaço é abordado com mais força em *Revelação do Subúrbio*, a paisagem é extremamente pertinente em *Confidência do Itabirano*, e, nesta, especialmente, a paisagem proveniente da memória, combinada com o sentimento de saudade, *Sentimento do Mundo* está mais em um quadro de contextualização, o mundo da época, com destaque para os conflitos, a guerra, onde podemos desenvolver ideias sobre os territórios existentes fisicamente e os desenvolvidos pelos sentimentos e subjetividades do escritor. Dentro disso podemos reconhecer que as geograficidades embutidas na obra, muitas vezes, são imbuídas pelas lembranças ou sentimentos reveladas na interpretação do autor.

Para quem curte Carlos Drummond de Andrade ou, uma boa poesia, eis um livro que recomendo!

.....

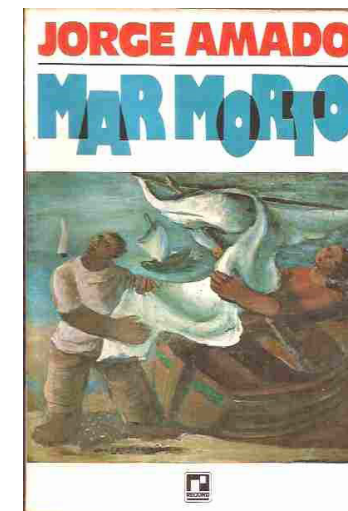
AMADO, Jorge. **Mar Morto**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1936.

Joaquim Mazzon<sup>7</sup>

Jorge Amado nasceu em 10 de agosto de 1912, no município de Itabuna, sul da Bahia. Publicou seu primeiro romance, *O país do carnaval*, em 1931. Entre 1941-1942 foi exilado e passou a viver na Argentina e no Uruguai. Em meio a muitas publicações e prêmios, foi eleito em 1961 para a cadeira 23 da Academia Brasileira de Letras. Jorge Amado faleceu em Salvador, no dia 6 de 2001.

A obra *Mar Morto* reúne uma série de contos do cais do porto da Bahia, tendo como protagonista Gumerindo e sua história de amor vivida com Lívia. O autor idealiza em Guma o homem do mar, trabalhador braçal do cais, que retira o sustento a partir de pequenas travessias realizadas com seu saveiro “Valente”. Em Lívia, Jorge Amado, apresenta a mulher da terra nascida em uma família de baixo poder aquisitivo, porém em ascensão. Esta personagem carrega em si as esperanças dos pais em casar-se com um indivíduo de uma família tradicional baiana, no entanto, Lívia se apaixona por Guma

<sup>7</sup> Graduando do 3º ano do Curso de Geografia e Bolsista PET/UEL. joaquimmazzon@gmail.com.



durante uma festa em celebração a lemanjá e tempos depois foge com ele.

No decorrer do enredo, é apresentada a vida sofrida dos saveiros, as horas excessivas e os riscos da profissão e que mesmo com todos estes impasses, nunca abandonam o mar. O autor também nos expõe os sonhos de Guma: sua ambição em conhecer o mundo, trabalhar em navios de grande porte e melhorar sua condição financeira para prover uma vida confortável para o seu tio e sua esposa.

Gumercindo se mostra um herói romântico, apaixonado e comprometido com sua profissão e sua vida pessoal, porém, sempre vivendo em impasses e dúvidas. Durante o enredo o autor faz sempre presente a questão religiosa dos personagens, retratando a crença do povo em lemanjá e a conformação dos trabalhadores do mar com seus destinos previamente traçados. “Ela é a mãe d’água, é a dona do mar, e por isso todos os homens que vivem em cima das ondas a temem e a amam. Ela castiga. Ela nunca se mostra aos homens a não ser quando eles morrem no mar.[...] Para ver a mãe d’água, muitos já se jogaram no mar Sorrindo e não mais apareceram”.

Jorge Amado retrata com uma riqueza de sons, cheiros e cores a festa para lemanjá, realizada em Salvador no dia 2 de fevereiro, transportando o leitor para esse ambiente místico de fé. O clímax do livro ocorre quando Guma, necessitando de ajuda financeira, passa a fazer travessias ilegais para um imigrante e negociador árabe, transportando em seu saveiro tecidos contrabandeados. Nas primeiras vezes tudo ocorre nos conformes, porém, em determinada noite chuvosa e de mar revolto, o saveiro de Gumercindo vira e em um ato heroico para salvar o filho, do negociador árabe, das presas de tubarões, Guma sucumbe e passa a habitar as profundezas do mar junto com a sua amada Janaína, ou como muitos conhecem lemanjá.

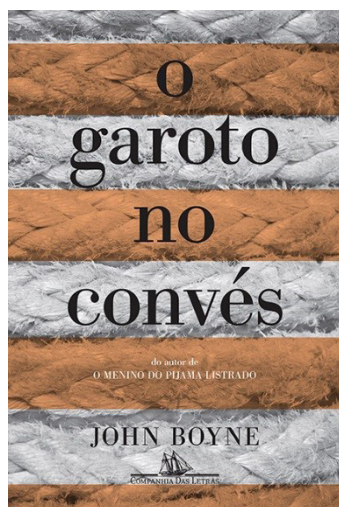
No decorrer da obra, o autor explora as essências geográficas, como a paisagem e o lugar. Na perspectiva do lugar, Jorge Amado

cria uma dualidade na questão do Cais do Porto da Bahia, tecendo críticas ao espaço experienciado, associando o Cais a um espaço miserável e determinista na vida dos Saveiros, onde o único destino possível é a morte no Mar. No contrapondo, adotando o lugar como uma pausa no movimento, o Cais do Porto assume o papel de espaço de identificação e laços afetivos, sendo assim a materialização da contraposição criada pelo autor. Fato que demonstra as diferentes vivências e experiências que se deixam mostrar no lugar, onde o Porto pode ser um espaço significativo para alguns personagens e, ao mesmo tempo, apenas um espaço descaracterizado e vazio de sensações, um não-lugar. A paisagem, como experiência, aparece nas descrições do cenário da cidade de Salvador: “De um lado, enorme e iluminada de mil lâmpadas elétricas, estava a cidade. Subia pela montanha e seus sinos badalavam, dela vinham músicas alegres, risadas de homens, ruídos de carros. A luz do elevador subia e descia, era um brinquedo gigantesco. Do outro lado era o mar, a lua e as estrelas, tudo iluminado também. A música que vinha dele era triste e penetrava mais fundo. Os saveiros e as canoas chegavam sem ruído, os peixes passavam sob a água [...]” (p. 51). É clara a demarcação da paisagem como algo que vai além do que se vê, englobando o que se sente e se ouve, pois além da paisagem visual, o autor nos presenteia com a imagem da paisagem sonora da cidade de Salvador em uma ampla perspectiva onde os inúmeros personagens são atores ativos da paisagem urbana, enquanto um “fenômeno vivido”.

O livro é excelente para os amantes de aventuras e romances. Apresenta uma linguagem fácil e acessível. Em muitos momentos da narrativa o autor apresenta a realidade dos saveiros e do cais do porto da Bahia com veracidade, fazendo com que o leitor se sinta parte da história que vem sendo contada.

.....





BOYNE, John. **O garoto no Convés:** uma fábula. 7 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 493 p.

Patrícia Honório Moura da Silva<sup>8</sup>

O autor, John Boyne, nasceu em Dublin, na Irlanda, em 1971. Completou os estudos em Trinity College de Dublin e atua como escritor criativo na Universidade de East Anglia, em Norwich. É autor de 9 romances, traduzidos em mais de 51 línguas, dentre eles o “Menino do Pijama Listrado”, número um no New York Times. A obra resenhada se originou do episódio do Motim ocorrido a bordo do navio inglês HMS Bounty, em 1789, nas águas do oceano Pacífico. Tendo como comandante e senhor Willin Blight e com uma tripulação de 49 homens. Os marujos estavam encarregados de seguirem até à ilha Othahaite para colherem mudas de fruta-pão que, mais tarde, seriam plantadas na Jamaica, para fazer dela um alimento bom e barato para os escravos ali presentes. Apesar dos transtornos marítimos durante a viagem, tudo corria bem e a chegada a ilha se deu como devia. No entanto, na mesma os homens, tripulantes do Bounty, se deleitaram

com as regalias presentes na ilha e não estavam mais tão convictos da necessidade de retornar e cumprir a tal missão.

Quando a quantidade suficiente de mudas da fruta foi atingida, o capitão determinou a necessidade de que retornassem, gerando o desagrado de muitos dos marujos. Estes, já sabendo da chegada hora da partida, tramavam um plano para tomar o comando do navio e retornar à ilha. Então, no dia 28 de abril de 1789, logo pela manhã, o navio Bounty foi tomado por um motim liderado pelo Primeiro Imediato Fletcher Christian. Muitos marujos se uniram ao mesmo, e os que se opuseram ao motim foram deixados à deriva em uma lancha de apenas 23 pés, somando-se ao capitão outros 18 homens.

Apesar das grandes possibilidades de que todos presentes na lancha morressem antes mesmo de passado um dia, ainda sob o comando do capitão, estes resistiram 48 dias. Passando de ilha em ilha com escassez de água e comida, além de não disporem de cartas náuticas ou bússola. Todos foram salvos pela memória de Blight e a coragem dos que o seguiram. Tal história foi inspiração de diversas narrativas, até mesmo os sobreviventes escreveram relatos sobre os difíceis dias no mar, incluindo o capitão Blight. Baseado neste fato, John Boyne relata esta história com minuciosos detalhes e sob a perspectiva de um garoto de apenas 14 anos que, fugido da vida de roubos e alicições na Inglaterra, embarcou como criado do capitão no Bounty.

Narrado em primeira pessoa, o romance é dividido em 4 partes, a primeira, “A proposta”, relata como o adolescente John Jacob Turnstile escapa da prisão pelo roubo de um relógio e acaba em um navio cheio de homens maldosos e antipáticos; “A viagem”, descreve o período vivido pelo jovem desde seu embarque, em 23 de dezembro de 1787 até outubro de 1788, onde a humilhação e os destratos foram protagonistas na maior parte deste tempo; “A Ilha”, onde a chegada a Othaheid muda o comportamento dos marujos, inclusive de Turnstile,

<sup>8</sup> Graduanda do 5º ano do Curso de Geografia e Bolsista PET/UEL. patriciahonorio14@gmail.com.

pois estes se perdem nos deleites da ilha, como os alimentos em abundâncias e os costumes sexuais das nativas; “A barca”, relato dos 48 dias passados em uma barca, sem alimento, água e espaço suficiente para os 19 homens que ali resistiram.

Todo romance se desenrola sob as transformações sofridas pelo jovem narrador. Este que inicialmente era apenas um ladrão, órfão que trabalhava e morava num estabelecimento para garotos como ele que, sem defensores, eram submetidos a programas noturnos com homens da região. A grande mudança no rumo de sua vida se deu no momento em que o mesmo rouba o relógio de um grã-fino que o propõe substituir um tripulante faltante no Bountly ao invés de ir para a cadeia. Sem conhecer nada sobre navegações, o garoto prefere ao mar. E é dentro de um navio que a maior parte da história acontece. Logo de início é retratado o quão humilhado o criado era pelos outros. No entanto o capitão o afeita certo afeto e, apesar da grosseria e rigidez sempre presente no trato com o garoto, ele era um dos poucos que conversava com o mesmo e até cuidou deste quando esteve adoecido pelos balanços do mar.

Apesar das dificuldades e inexperiência, logo Turnstille passou a se mostrar um ótimo criado, servindo sempre prontamente o capitão e quem mais o mandasse. Na chegada à ilha, o narrador retrata a mudança de humor do capitão, que em solo firme já não se sentia mais seguro. Muitas foram as regalias dadas aos marujos que, apesar de trabalharam na coleta da fruta-pão todo o dia, podiam se relacionar com as nativas e festejar durante as noites. Os cinco meses de estadia na ilha serviram para muitos homens criarem laços com alguns dos habitantes ali, inclusive Turnstille que se apaixonou por uma nativa.

No que se refere ao Capitão, este se manteve fiel à esposa e ao filho, a quem escrevia quase todos os dias, não cedendo aos prazeres da ilha. Seu humor variava constantemente devido os pés no chão

e a percepção de que os marujos estavam à vontade demais. Foi no momento de partida que se pode perceber a negação dos tripulantes ao retorno, sendo assim o motim, já organizado, foi então colocado em prática.

Após a tomada do comando por Fletcher Christian e a retirada do capitão e seus fiéis servidos do navio, iniciasse a aventura e corrida contra a morte a bordo da pequena barca de 23 pés. O autor menciona o tamanho da mesma diversas vezes, enfatizando o quão pequena a mesma se torna para os 19 homens ali presentes. A viagem na barca durou 48 dias, sendo que a alimentação dos seus tripulantes e a direção da mesma era liderada pelo capitão.

Turnstille enfatiza o quando as hierarquias foram perdendo sua força dentro da mesma, pois capitão, cozinheiro, ele e todos os demais que alise encontravam, se viam obrigados a remar e a dividir o pouco que tinham. Foi durante os difíceis dias na barca, que Blight lhe contou sobre as suas aventuras a bordo do Revolution com o capitão Cook, tão renomado e aplaudido na época. Muitos foram os momentos de extrema fome, sono e cansaço durante a tentativa de se chegar à Timor, onde o capitão Blight afirmava que lhe dariam abrigo e os levariam de volta.

O autor relata a beleza das diferentes ilhas visitadas neste percurso e também os riscos oferecidos pelos nativos das mesmas, chamado ainda de selvagens pelos tripulantes da barca. Durante a leitura do livro fica clara a convicção que o capitão possui sobre a superioridade da corte inglesa e que os nativos das ilhas não deveriam tratar assim pessoas vindas em nome do rei, não se levando em conta o pertencimento dos nativos com as ilhas que habitavam.

Durante toda a viagem, apenas um marujo é morto à pedradas pelos nativos de uma das ilhas em que passaram. No entanto, na última semana de viagem, segundo Turstille, tudo se encontravam tão pálidos

e adoecidos que não havia chances de que chegassem ao destino ainda com vida. Alguns choravam e gritavam de dor, apertando seus estômagos afim de afastar ou aliviar a dor da fome. Em alguns momentos, foi pensado que alguns já tinham partido, porém um pedaço ínfimo de pão e um pouco d'água os trazia a vida de novo.

Quando Turstille acreditou ter chegado a sua hora, deitado sem forças com o capitão ao lado pedindo para que resistisse, o mesmo ouviu ao fundo gritos que traziam a tão esperada notícia de que haviam chegado a Timor. Alguns dos marujos não resistiram e morreram logo que chegaram, foram cinco mortos já em terra firme. Porém os outros quatorze se recuperaram aos cuidados dos moradores de uma colônia holandesa.

Logo que se recuperaram estes retornaram para a Inglaterra. Houve uma certa divisão entre os sobreviventes, sendo que alguns acusavam o capitão pelo que tinham passado. No entanto no momento dos depoimentos à corte, todos foram coerentes e o capitão foi tido como herói. Quando aos piratas que tomaram o poder, alguns foram capturados na ilha e enforcados, outros mais abastados tiveram sua absolvição garantida e o líder do motim, segundo Turstille, não foi encontrado.

Passado o período dos acertos sobre a tomada do navio, Turstille retornou a sua cidade. Lá encontrou com o dono do estabelecimento onde fora obrigado a trabalhar durante muito tempo. O reencontro lhe causou insegurança e o homem ainda tentou fazê-lo voltar, mesmo o garoto já estando mais forte e amadurecido. No entanto, Turstille conseguiu fugir do mesmo, denunciou-o a polícia que fechou o estabelecimento do mesmo. Apesar disso, as perseguições a Turstille continuarem até que em uma noite, quando Sr. Lewis tentou esfaquear o jovem garoto, este o empurrou para a rua onde uma carruagem o atropelasse, findando ali a vida do homem que tanto lhe feriu.

Nas últimas páginas, Turstille, já com mais de 40 anos, diz que lembrou de todos os fatos anteriores, pois estava no velório de seu grande amigo Willian Blight. O livro se trata então das lembranças deste senhor, que ao fim do velório encontrou o mesmo homem que um dia ele havia tentado roubar o relógio e que o ofereceu a oportunidade de viajar no Bounty. Turstille havia se tornado capitão e possuía um grande renome por sua eficiência, o que orgulhou a antiga vítima daquele furto de um dia ter possibilitando que o pequeno garoto conhecesse o mar.

A obra de 490 páginas é repleta de aventuras e momentos difíceis de se digerir. Desde o fato do narrador ser um garoto que era abusado desde a infância até os motivos que levaram os marujos a se amotinarem. No entanto, em alguns momentos a leitura se torna cansativa, porém nunca entediante. Todo o relato da viagem, os locais percorridos, as superstições e rituais dos marujos são fidedignos à realidade vivida pelos navegadores daquela época. Até mesmo o machismo e a relação de superioridade mantida entre os ingleses e os nativos é real durante o livro.

Ao se realizar a leitura do "garoto no convés" nos vemos obrigados a recorrer a mapas e pesquisas constantes sobre a localização e as características dos mares, ilhas e locais por onde o navio passa. A descrição da geografia dos lugares presente no livro nos permite viajar junto com a tripulação do e conhecer diferentes territórios. Além disso, o mesmo nos chama a atenção sobre a relação da corte Inglesa com os demais países, que eram vistos apenas como local de oportunidade para o crescimento do próprio país. Neste sentido, vale a leitura crítica que nos leva a questionar a quantidade de nativos dizimados e de culturas perdidas pelo "bem" de algumas coroas.

Fica em evidência a importância da localização para compreender o desenrolar da trama, o que a torna ainda mais geográfica. Mesmo



nos momentos onde se tem apenas o mar como paisagem, as relações sociais presentes nos diálogos e conflitos permitem se fazer conexões com aspectos geográficos que perpassam aquele ambiente, como os interesses políticos, econômicos e subjetivos por trás de cada acontecimento. Instigando também a reflexão sobre temas como o abuso de autoridade, as consequências negativas da colonização inglesa, escravidão e exploração dos mais fracos. A leitura de “O garoto no Convés” possibilita uma verdadeira viagem imaginária, onde os espaços, as paisagens e as relações são construídos a cada parada e movimento do grande navio.

.....

BROWN, Dan. **Fortaleza Digital**. São Paulo: Arqueiro, 1998.

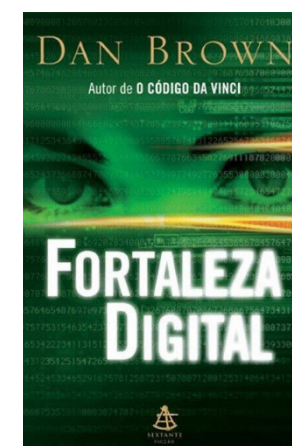
Thiago H. de Abreu Santana<sup>9</sup>

A obra é escrita por um dos autores de suspense mais popular do meio literário, com mais de 150 milhões de livros vendidos. Dan Brown ganhou sua fama pelos livros, O Código da Vinci e Anjos e Demônios, antes dessas obras o seu primeiro sucesso foi o livro “Fortaleza Digital”. Do gênero suspense, as 332 páginas são divididas em vários capítulos que dão à trama uma espacialidade bem definida. O autor é rico nos detalhes das cenas, deixando o leitor entretido na história, em cada capítulo que se passa, em uma escrita leve e prazerosa, é fácil de se terminar o livro em poucas horas de leitura. Esta obra nos incita

<sup>9</sup> Graduando do 4º ano do Curso de Geografia e Bolsista PET/UEL. ithiagodiabreu@gmail.com.

a reconhecer a técnica como uma dimensão da existência humana, cujas capacidades revelam um modo de vida singular, fruto da Modernidade, em que os sujeitos modificam o mundo e a si mesmos, mas por ser/estar tão impregnada ao cotidiano, por vezes, (a técnica) passa despercebida.

A obra começa com uma história de amor, em que Susan Fletcher, uma criptógrafa bem-sucedida que trabalha para a secreta Agência Nacional de Segurança (NSA) do governo estadunidense, e seu amado David Becker, professor universitário de letras, têm sua lua de mel interrompida por um telefonema de Strathmore, chefe de Susan, que solicita a presença dela na sala de criptografia, devido a um problema para descriptar um arquivo. O que soava muito estranho, pois na NSA havia um supercomputador capaz de quebrar quaisquer chaves digitais, a máquina recebeu o nome de Translatr. Ao chegar até a sala, Susan se depara com seu chefe pasmo frente à informação que rodava na tela do computador, onde estavam marcadas 6 horas do processo de descriptação em uma máquina que quebrava qualquer código em menos de 3 minutos. Strathmore sabia da origem desse código inquebrável, criado por um ex-funcionário da NSA, Ensei Tankado, contrário à espionagem, ele desejava destruir a agência e para isso criou o Fortaleza Digital, um programa com o código inquebrável, jamais usada na história da criptografia.



No mesmo dia que Susan vai até a Agência de Segurança, David Becker recebe uma ligação da NSA, a qual havia prestado serviços, por dominar vários idiomas ajuda o mandarim para os criptógrafos. Becker estava sendo convocado para ir à Sevilla para pegar um suposto objeto no corpo de Tankado, que fora encontrado morto nas ruas da cidade espanhola. A convocação de Becker para a missão foi feita sem a consulta de Susan, por isso, ela ficou tão surpreendida quanto nervosa com seu chefe que apaziguou a situação com a sua experiência. David corre uma série de perigos na Espanha atrás de um objeto que mais tarde descobre que é um anel que carregava a chave do Fortaleza Digital. Enquanto na criptografia, Susan e seu chefe são surpreendidos por um dos funcionários, Hale, que descobre o código que rodava no Translatr, mas finge não desconfiar de nada. Em Sevilla, David descobre que Tankado entregara o anel para um desconhecido, antes de sua morte e, sai em busca do mesmo, mas não sabia que estava sendo seguido por um assassino que matava todos que ele perguntava sobre o anel. Na criptografia, Susan descobre e-mails de Ensei Tankado na caixa de Hale e sabendo que Tankado tinha um parceiro, deduziu que este era Hale. Em meio à euforia de ter descoberto o parceiro, a criptógrafa não vê que Hale se aproximava, quando ela tentou fugir, foi agarrada fortemente, porém consegue se libertar e correr para avisar o seu chefe.

Após a descoberta do comparsa de Tankado, começa uma busca por Hale dentro do departamento de criptografia, pois ele havia desaparecido, o que causou uma grande preocupação para Strathmore e Susan. Preocupados com a possibilidade de serem encontrados por Hale, uma nova paranoia toma conta de todo o Nodo 3 (local onde fica a criptografia) com o supercomputador com força máxima, a energia é voltada inteiramente para a máquina, deixando a ala do prédio sem energia. Esses agravantes transformam o local em uma

cena de filme de terror. Na escadaria que dava acesso ao comando manual do supercomputador, onde Susan se encaminhava para fazer o desligamento manual da máquina, ela vê uma silhueta que parecia ser de Hale, empurrando o jovem SegSis que anteriormente avisara o chefe, sobre o vírus, provocando a sua morte. Susan corre para falar ao seu chefe, ambos conseguem fechar a porta de acesso ao comando manual.

Após uma longa procura, Hale, dado como morto, se encontra com Susan, e diz que Strathmore matou o SegSis e queria matá-lo também, mas, Susan não acreditou. Em meio a uma negociação tensa, a criptógrafa é libertada, e Hale recebe uma pancada de Strathmore, caindo desacordado.

Depois de ser arduamente perseguido por um mercenário, David consegue matá-lo empurrando-o da escada, mas logo após é posto em uma van por homens aparentemente desconhecidos. Na diretoria geral, Fontaine descobre que o Fortaleza Digital não era um código inquebrável, mas um vírus adentrado no sistema do supercomputador e estava destruindo-o lentamente, e o contorno da barreira antivírus havia sido deixada atravessar pelo comandante Strathmore, que pensava que o Fortaleza Digital era um código impossível de ser quebrado e poderia ser usado a favor da NSA no futuro. Strathmore em uma tentativa desesperada de salvar sua reputação, mata Hale, que era prova de que o comandante havia matado o jovem SegSis, e Susan depois se deparando com Hale morto teve um grande choque. Enquanto isso, Strathmore se encaminhava para desligar manualmente o Translatr, e Susan encontra seu telefone com as informações de que o comandante havia mandado o homem matar seu noivo. Ela se depara com seu chefe voltando de uma tentativa fracassada, Susan não conseguia falar nada, ele confessa tudo e diz que era apaixonado por ela. Uma reviravolta na história impressionante. Como agora no

final do livro, o autor consegue fazer com que a história do livro sempre tenha uma nova interpretação, sempre uma surpresa, deixando o livro genial.

Após todos descobrirem o que se tratava e a realidade dos fatos, começa uma tentativa desesperada de todos da NSA para salvarem os dados secretos da agência, o real objetivo de Tankado, onde parecia que o livro tinha ficado óbvio, Dan Brown mostra mais uma vez porque é o melhor escritor de suspenses. O final seria deselegante redigir, mas sem dúvidas, uma obra de arrepiar. Com uma incrível coincidência, o livro trata sobre a segurança digital e o problema da privacidade que as pessoas tem em seus computadores, se assemelhando ao caso de Edward Snowden, que fez a delação de todas as coisas que os EUA faziam, vigiando pessoas do mundo todo, e o que conta o livro é uma preocupação justamente com o mesmo objetivo. Apesar do ano que o livro foi escrito (1998), Dan Brown traz relatos de problemas de preocupação atual nessa nova era completamente digital. Além dos inúmeros problemas com computadores, a obra apresenta uma série de fatores de cunho geográfico, em que os mais presentes são problemas geopolíticos.

Ao estabelecer a relação do homem com o seu mundo, via tecnologia, esta obra lança a preocupação com as barreiras invisíveis que, na medida em que avançamos tecnologicamente, se tornam mais difíceis de ser controladas. Alguns anos atrás, foram noticiados casos de espionagem por parte do Estados Unidos da América, onde na ocasião, foi utilizada de alta tecnologia para que fossem tomadas informações sobre alguns países que sofreram com a interferência estadunidense, inclusive o Brasil. A exemplo, da situação em que a então presidenta Dilma fora grampeada para serem coletadas informações confidenciais sobre a Petrobrás e o Pré-sal. Fatos dessa proporção faz com que seja posta sobre ameaça a própria soberania do Estado Nação, onde não é respeitada a fronteira dos países. É

necessário que observemos as intencionalidades dos países e empresas multinacionais ao adentrarem em território que não lhes pertencem, por meio de premissas que vão da guerra ao terror, política adotada por George Bush, para ter acesso ao petróleo do Oriente Médio, por exemplo. Em linhas gerais, as fronteiras e soberania dos estados têm sido constantes nas pautas dos países, que terão de se atualizar com o passar dos anos, em especial, países como o Brasil, que são detentores de bens estimados no mundo, como o petróleo e, até mesmo, a água.

Em suma, a obra instiga a pensar nos problemas cibernéticos globais, pois, vivemos em um mundo cada vez mais digital, e as fragilidades se tornam maiores ao passo que os efeitos da intensa globalização não se materializam exclusivamente no espaço tangível, e sim no meio virtual, quase impossível de ser controlado. De qualquer forma, uma obra espetacular que recomendo a leitura para todo e qualquer um que se interesse por uma boa literatura, que aborda assuntos pertinentes não somente à Geografia, no qual uma série de problemas contemporâneos relacionados ao uso da tecnologia são abordados, mas também a diversas áreas do conhecimento.

.....

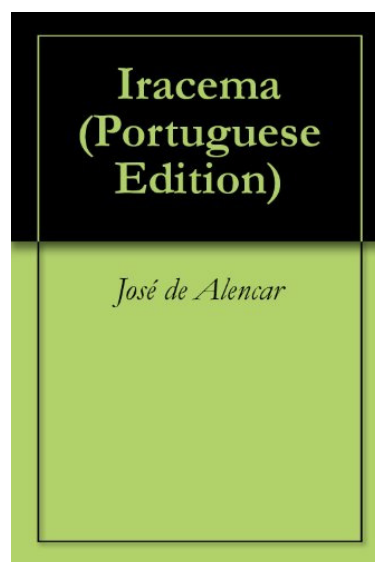
ALENCAR, José de. **Iracema**. Obra Completa. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1959, vol. III.

Victor Hugo O. de Paula<sup>10</sup>

O imaginário do romantismo na literatura, como várias outras tendências artísticas, tencionava mostrar algumas funções sociais,

<sup>10</sup>Graduando do 5º ano do Curso de Geografia e Bolsista PET/UEL. victorhugo.oliveira16@gmail.com





dentre as quais, a criação de heróis e do sentimento de nacionalismo. Não é diferente nas obras urbanas e indianistas do autor cearense José de Alencar, dentre as quais, se destaca Iracema, publicado em 1865. Uma lenda mística sobre a formação do território brasileiro – mais especificamente do litoral cearense – dividida em trinta e três capítulos repletos de simbolismos e de representações europeizadas dos indígenas e correspondendo, portanto, a diversas características da primeira fase do romantismo no Brasil.

No prólogo, o autor utiliza-se de uma escrita, parecida a de uma carta, para criar um cenário pelo qual leva o leitor a se imaginar numa casa com a sua família e, assim como em uma viagem imaginária, consiga ler sem pensar em seus problemas. O autor descreve os verdes mares de sua terra natal, e a chegada de um jovem gritando por Iracema, a virgem dos lábios de mel – casta por motivos religiosos –, envolvida pela natureza e com sorriso mais doce que o favo do jati.

O ufanismo e exaltação de características “exóticas” mostra-se presente em todas as descrições feitas pelo autor. O personagem

européu, Martim, é descrito com estranheza, sem nenhuma comparação com nada do mundo da personagem principal. É apenas um rapaz com pele branca, olhos azuis e tecidos cobrindo seu corpo, que é atingido por uma flecha de Iracema ao adentrar na floresta. Ao socorrê-lo por arrependimento, é que somos apresentados a “nação dos tabajaras”. O pai de Iracema, acredita que o jovem teria sido enviado pelo deus Tupã, porém, Martim conta sua história de desbravador e de como chegou àquelas terras. Mais tarde, ele tenta fugir e novamente encontra Iracema e começam sua aproximação e enfrentamento do ciúmes de Irapuã – guerreiro mais vil dos tabajaras.

Em meio ao arco dos personagens, há uma guerra entre tribos, os potiguares – assim apelidados pelos guerreiros tabajaras – que abrigavam Martim originalmente. Trata-se inicialmente de uma história secundária, exposta pelo autor com o objetivo de ambientar e demonstrar as relações dos grupos indígenas do local, mas que, posteriormente, terá importância.

Martim, que antes esperaria a volta de Caubi – irmão guerreiro de Iracema que havia saído para caçar – para voltar à tribo que o abrigava, deparou-se com a paixão de Iracema e prometeu partir apenas quando ela voltasse a sorrir e, mais tarde, ele se despede e leva consigo uma rede de Iracema para tê-la em seus sonhos.

Irapuã, liderando mais de cem homens foi atrás de Caubi e Martim exigindo a entrega do europeu, o que desencadeia em uma batalha entre as tribos. Martim, ferido, fica nos braços de Iracema. É, então que Martim presencia a um gemido de Tupã ecoando de um buraco das profundezas da terra, em resposta a decisão do pajé em protegê-lo. Com a batalha eminente, o casal pula dentro do buraco, pelo qual são guiados por Poti – amigo de Martim – para fugir.

## Notas e Resenhas

Em meio a batalhas, Iracema torna-se esposa de Martim e, ao chegar à terra dos inimigos, se vê muito triste e leva-o a partir em direção ao morro Maranguape, esse nome, segundo a história, por ter sido o local da morte do pai de Poti. Localiza-se no norte do estado do Ceará, e foi a terra na qual o casal se estabeleceu e Iracema descobriu a sua gravidez.

Após avistar grandes velas de navios, Martim – agora com seu nome indígena, Coatiabo – foi junto de Poti para uma batalha, e ao voltar, ficou melancólico junto a Iracema por saudades de sua terra natal.

No desfecho da história, o filho do casal nasce e Iracema se vê sem poder amamentar. Sai com o filho na floresta e encontra filhotes de irara desmamados. Na tentativa de alimentá-los, seus seios começam a sangrar e depois esguichar leite que alimentaram Moacir, filho do amor, mas também da dor e do sofrimento. Quando Martim volta, encontra Iracema com o filho. Ela o entrega ao pai e morre. Martim volta a Europa com seu filho e cão de guerra que lhe foi confiado por Poti e anos depois volta ao Brasil para colonizá-lo e catequiza-lo. Ceará, portanto, é a terra da qual Martim era pai e líder.

Referência para a prosa romântica, a escrita de José de Alencar ressalta os heroísmos e se utiliza da natureza para cada descrição. Trata-se de uma importante contribuição para a literatura brasileira. Clássico não só por estilo, mas também por simbolismo e sua noção de brasilidade, de miscigenação. Somos todos filhos do amor e do sofrimento. Do leite e do sangue, filhos de Iracema e Martim.

.....

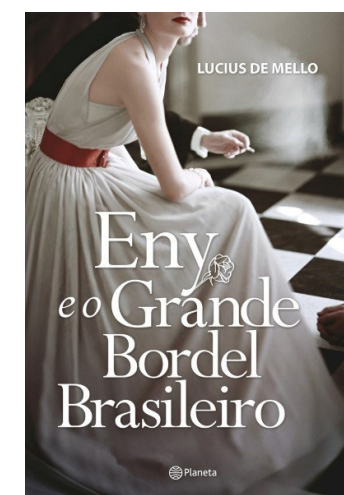
MELLO, Lucius de. **Eny e o Grande Bordel Brasileiro**. São Paulo: Planeta, 2015. 424p.

Eni Conceição Cavarsan<sup>11</sup>

O livro *Eny e o Grande Bordel Brasileiro* traz a história real, porém romanceada de Eny Cezarino, uma das mais famosas cafetinas do Brasil. Logo de início o autor começa narrando as origens italianas da sua família nos vinhedos de Salerno. Nascida em São Paulo em 1917, vislumbra-se uma trajetória muito sofrida. De família humilde, entregava marmitas junto com suas irmãs na Vila Madalena, também em São Paulo, para sobreviverem, depois que seu pai perdeu o emprego no matadouro municipal. Mas Eny detestava a função, alegava que o cheiro da comida impregnava sua pele e seu cabelo, então empregou-se em uma fábrica de chocolates.

A jovem Eny sempre foi ambiciosa e linda, nunca foi de se contentar com pouco, por isso mesmo decidiu fugir de casa para escapar da pobreza. Quando saiu de casa deixou um bilhete para sua família dizendo: "Estou indo

<sup>11</sup> Graduanda do 5º ano do Curso de Geografia e Bolsista PET/UEL. cavarsaneni@gmail.com.



buscar a felicidade”, pois não se sentia feliz ajudando os pais, contudo sua decisão a levou a tornar-se uma garota e programa, primeiramente em sua terra natal, depois no Rio de Janeiro, que na época era a capital federal, onde frequentou o famoso e luxuoso Cassino da Urca. Foi então que teve a grande ideia de sair das mãos de seu cafetão e trabalhar por conta própria.

Após deixar o Rio de Janeiro, Eny passou um tempo em Porto Alegre, indo depois para Paranaguá, onde conheceu outra prostituta que lhe falou da Casa da Dona Nair em Bauru. Foi então que tudo começou. Eny chegou a Bauru, numa manhã gelada e trabalhou para a cafetina Nair por dois anos, quando a mesma lhe vendeu o ponto do bordel e lhe transferiu um contrato de aluguel, tornando assim, Eny e suas meninas conhecidas em todo o território brasileiro, não só sobre a prostituição em si, mas também no que diz respeito aos fatos políticos e históricos do país, já que os políticos e também artistas frequentavam a casa da cortesã.

Após algum tempo “A Casa de Eny”, como era conhecida, no interior paulista, lhe proporcionou fama e fortuna. Foi então que conheceu Nicolinha, que mais tarde se tornaria seu grande amigo e confidente de toda a vida. Nicolinha se candidatou a prefeito e depois a deputado estadual e ganhou as duas eleições, porque Eny se empenhou nas campanhas, pedindo contribuições para seus clientes mais ricos.

Tinha uma personalidade forte. Não permitia que suas meninas tivessem filhos, obrigando-as a abortar ou então a porta da rua seria a serventia da casa. Pagava tudo e chegou a combinar com o médico de sua confiança que esterilizasse as garotas, sem que as mesmas tornassem conhecimento do caso, em contraponto a isso, tinha um

bom coração, ajudava os mais necessitados, inclusive sua família e realizou obras de caridade.

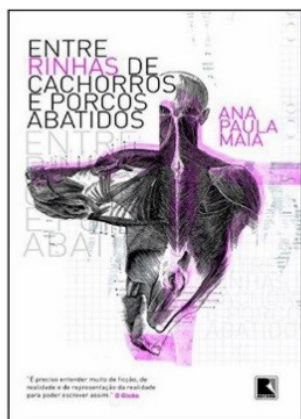
A dona do bordel mais famoso do país perdeu seu império. O mesmo ruiu por um conjunto de fatores, entre eles um contador ladrão e também pelas mudanças que a sociedade vinha passando, onde os homens podiam dormir com suas noivas e namoradas, que agora estavam protegidas por anticoncepcionais. Foi perdendo tudo, chegando ao ponto de ter que morar na casa de sua sobrinha, sem dinheiro para pagar o plano de saúde. Ela morreu aos 70 anos, por complicações do diabetes.

A obra escrita pelo jornalista Lucius de Mello, aborda não somente uma história de prostituição e cafetinagem, mas traz também relatos históricos e políticos ocorridos no Brasil entre as décadas de 50 e 80, como o suicídio de Getúlio Vargas. O autor relata em detalhes toda a trajetória da grande cortesã e suas garotas, fundamentado em entrevistas, fotografias, jornais e revistas, anexando em suas páginas fotos, bilhetes e relatos.

É um livro muito interessante, de fácil leitura e entendimento. A partir do momento que se inicia a leitura, não se consegue mais parar, pois é instigante e a todo momento o leitor se depara querendo conhecer mais sobre a história, é um livro que vale a pena se lido, recomendo.

.....





MAIA, Ana Paula. **Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos**: duas novelas. Rio de Janeiro: Record, 2009.

Leticia Alves<sup>12</sup>

Ana Paula Maia, nascida dezembro de 1977, é uma escritora brasileira de Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro. O livro é o início da sua trilogia contemporânea “A saga dos brutos contemporânea”, composto por 3 histórias. Neste volume são apresentadas duas novelas: “Entre Rinhas de Cachorros e Porcos Abatidos” e “O Trabalho Sujo dos Outros”. O último livro da saga é o romance “Carvão Animal”. Em suas obras, a autora enfatiza temas que revelam, a decadência humana corporificada na realidade daqueles que são ignorados por uma parte da sociedade, exibindo os sentimentos e a desumanização dos sujeitos na ausência de uma relação ética com o outro. A semelhança entre as duas histórias narradas está na frieza sentimental, numa análise de personagens que parecem perder a essencialidade humana, com um componente mefítico de fantasia. A leitura proporciona a percepção do cotidiano cruel de indivíduos, em sua existência finita, envoltos

<sup>12</sup> Graduanda do 4º ano do Curso de Geografia e Bolsista PET/UEL.leticiakaima@gmail.com.

ao caos e violência. A autora não poupa o leitor dos detalhes de uma história visceral de constatação da morte antecipada pela crueldade de seus personagens, capaz de causar repulsa, indignação e medo. Nesta resenha será apresentado apenas a primeira novela, *Entre Rinhas de Cachorros e Porcos abatidos*, composta por cinco capítulos que exibem o cotidiano marginalizado de Edgar e seu amigo Gerson, funcionários de um frigorífico que abate suínos. Outros personagens que contribuem com a trama são Rosemery (namorada de Edgar), Pedro, Marinéia (Irmã de Gerson), Abelardo (dono do chiqueiro) e Zé do Arame (Patrão).

No primeiro capítulo, nos deparamos com um telefonema de Gerson que, ao se sentir mal, com crise renal, pede a Edgar permissão para enviar seu amigo Pedro para substituí-lo. Edgar pergunta a Gerson se ele deseja o seu rim de volta, pois havia doado para a irmã, mas confuso ele informa que ela está doente e não vai precisar por muito tempo. Edgar pergunta sobre um vídeo que ele perdeu, e Gerson diz que não está com ele. Pedro chega até o abatedouro, se sente perdido pois nunca havia matado uma criação. Edgar não dialoga, mas Pedro ajuda levando o porco para o abatedouro. Gerson faz um telefonema para Edgar concordando com a decisão de tomar o rim doado à irmã. Enquanto o porco dá seus últimos suspiros, Edgar se debruça sobre o animal, ainda vivo, e começa a chamar de Rosemery. Após atear fogo no animal, começa a raspar a pele do bicho, ordenando Pedro a fazer o mesmo. Pedro questiona se a fita que ele não encontra é tão importante assim, ao que responde com uma afirmativa, mas ressalta que pode arranjar outra. Pedro passa por momentos sangrentos de dor e violência, pois Edgar com a posse de um machado, lembra de Rosemery e o arremessa na cabeça de Pedro. Enquanto Pedro se debate ele pergunta qual é a fruta predileta dela, e ele responde morangos silvestres, colocando a mão na abertura da cabeça junto ao

sangue que escorria. Edgar pergunta qual a segunda fruta favorita dela, Pedro responde que é o pêssego. Edgar vai até o mercadinho da frente e anota o nome das duas frutas para não se esquecer. Volta dá mais uma machadada em Pedro, deixando a sua cabeça deformada. Abre o porco para retirar seus órgãos, faz o mesmo com Pedro e se admira com seu peso, pois vale quase o mesmo que os porcos. Após moer seus restos mortais com ossos de vacas, Edgar toma duas cervejas e ganha a aposta na rinha dos cachorros, vai para a casa e pede a mão de Rosemary em casamento, prometendo uma geladeira com imãs de frutinhas, ela aceita saboreando os pêssegos que o futuro marido a levou.

O segundo capítulo é iniciado com Edgar e Gerson em frente ao prédio de Marinéia tragando um cigarro com um assunto de que não pode nem confiar nos próprios cachorros, eles podem ser infiéis aos donos. Os dois atravessam a rua comentando sobre um carregamento de porcos que está para chegar, passam pela portaria abandonada e sobem até o terceiro andar. Tocam a campainha do 302 com pouco fôlego. Enquanto esperam, Gerson questiona sobre Pedro e Edgar diz que não sabe o que aconteceu com ele. Marinéia abre a porta e se surpreende ao ver o irmão e, principalmente, pelo porteiro não ter lhe avisado. Após os cumprimentos, Gerson diz que veio buscar o que ela havia pegado emprestado, confusa ela não se lembra o que era, neste momento Edgar enxerga em cima da mesa a fita que ele não encontrara, ela explica que foi Pedro quem a vendeu, pois estava precisando de dinheiro. Entregando a fita ela acha que o assunto estava encerrado, mas Gerson continua dizendo que quer o seu rim de volta. Situação que provoca risos em Marinéia enquanto segura o seu cachorro para Gerson ir ao banheiro, Edgar entra, tranca a porta e agarra a Marinéia tapando a sua boca, enquanto esperneia derruba o seu cachorro, Gerson amordaça a irmã com uma fita adesiva, ela

só aquietta com um soco na boca. Ao som de Sérgio Reis carregam a mulher até a banheira, encontrando a cicatriz procuram a faca para fazerem o corte, Gerson vai até a cozinha, mas não encontra nada que possa ajudar, é quando decide pedir um canivete ao porteiro.

Voltando Edgar comenta pedindo perdão que não comeria a irmã de Gerson nem se ela o pagasse, ele concorda e entrega um pequeno canivete com o escudo do flamengo. Para ter mais segurança Edgar pede algo que risque para marcar o local que vai ser cortado. Gerson volta com um batom vermelho. Após pegar uma cerveja Marinéia desperta, mas outro soco deixa a moça desacordada. Após marcar a pele com estrias, Edgar pega o canivete e começa a cortar, os dois ficam confusos, pois não sabem ao certo qual é o rim e qual é o fígado. Após discutirem Edgar recolhe dois órgãos e coloca na bolsa de gelo que Gerson havia levado. Mais aliviados Gerson diz estar feliz por Edgar ter arranjado o amor da vida dele e o amigo acena confirmando que ele também vai encontrar um dia. Enquanto assistem o filme o pequeno cachorro de Marinéia se lambuzava de sangue na cavidade que os dois rapazes deixaram. Ao final do filme os dois vão embora.

Edgar Wilson inicia o terceiro capítulo sem conseguir ligar a camionete para levar os porcos ao chiqueiro de Abelardo. Descem os animais e os levam caminhando. No meio do trajeto Edgar certifica-se que esqueceu seu facão e pede para Gerson seguir, enquanto ele volta para buscá-lo. Ao chegar na caminhonete tenta ligá-la outra vez, sem sucesso. Então vai até o capô e com um estouro no cano de descarga a caminhonete liga. Volta para trás do volante e verifica se seu facão está do seu lado. Alcança Gerson que está parado segurando os seis porcos por uma corda. Neste momento enxergam acerca de cinco metros de distância um carro batido em uma árvore. Apanham uma tábua para colocar os animais de volta a caminhonete. Certificam-se de que um pequeno leitãozinho fugiu. A procura do leitãozinho, andam em direção

ao carro batido e encontram uma mulher em meio as ferragens, ela tenta falar, mas não consegue. Do outro lado, Edgar encontra um telefone celular e o apanha. Não sabendo manusear o aparelho, eles tentam ligar para o socorro, sem saber o número correto, decidem ligar para o patrão.

A esposa atende e passa para Zé do Arame, preocupado com os porcos o patrão grita para a mulher perguntando o número do socorro. Enquanto Edgar espera na linha, Gerson tenta se comunicar com a mulher que não para de agonizar. Enquanto o patrão procura o número com vizinhos, Edgar senta-se atrás do volante da camionete e em meio a chiados encontra uma rádio com um sucesso da década de 1990, olha-se no espelho e com o telefone na orelha sente-se um homem importante. Gerson sai em busca do leitão desaparecido. A resposta do telefone é que ninguém se lembra o número do socorro. Após uma pequena dificuldade para desligar o celular ele dá voltas no carro para ver se a mulher ainda está viva, nisto encontra o porco desaparecido em baixo do carro. Com a ajuda de Gerson consegue tirar o porco morto debaixo das ferragens, entretanto, Abelardo tinha comprado o animal vivo. Decidem entregar com um desconto. Certificam-se de que a mulher está morta e pegam o celular para eles, Edgar continua admirado com o aparelho. Após Gerson urinar comenta com o amigo que não está nada bem, Edgar questiona sobre o rim e Gerson comenta que o pai dele havia comido frito com cebolas achando que era fígado de boi, pois ele tinha deixado no congelador. Conseguem chegar ao chiqueiro de seu Abelardo e dão o celular como parte do prejuízo que o animal morto poderia dar, também conseguem uma caminhonete dez anos mais nova para ir embora. Voltam com o dinheiro exato para o seu Zé do Arame. Com a comissão extra que ganha do patrão, Edgar aposta e ganha na rinha de cachorros.

O quarto capítulo inicia-se em uma lanchonete com um diálogo sobre o recorde de abater porcos. Quando um homem adentra a lanchonete e senta-se com os dois. Assustados perguntam de onde ele os conhece, após identificar, o homem informa que deseja simular o próprio sequestro para testar a fidelidade de sua noiva. Edgar lembra-se de Rosemary que disse que não o amava e só estava com ele porque queria uma geladeira nova, o abandonou uma semana depois do desaparecimento de Pedro. Rosemary também foi esquartejada e devorada por porcos, a geladeira Edgar pegou de volta. Entendendo a importância de se ter uma prova de amor, Edgar aceita os duzentos reais pelo serviço. Enquanto o homem que deseja ser sequestrado faz uma ligação, Edgar conta a Gerson que matou Pedro porque era amante de sua mulher, Gerson concorda, pois também acha que Pedro agiu errado. Ao retornar da ligação o homem entrega um papel com um número de telefone, o nome da namorada e um pequeno texto que deve ser lido. Ele é amarrado e leva dois socos de Gerson para passar realismo e o colocam no porta-malas de um carro.

Encostam em uma pequena lanchonete onde os caminhoneiros costumam parar. Após comer, saem e enquanto saboreiam a sobremesa observam uma carreta manobrar, o motorista bêbado bate na traseira do carro e arranca para a estrada sem prestar socorro. Edgar e Gerson se encaminham até o carro e com dificuldade conseguem suspender o porta-malas. Edgar lembra que ele não vai conseguir a sua declaração de amor. Com dificuldades para seguir viagem, cerca de dois quilômetros à frente eles encostam, lembram que estão perto de um chiqueiro de uma mulher e que seu filho tem um ferro velho. Pensam em vender o carro para o menino e jogar o homem morto aos porcos. Indo até o ferro velho contam a história ao dono que ajuda a rebocar o carro e deixa o corpo no chiqueiro. No dia seguinte consegue bater o recorde



do campeão estadual em abater porcos matando trinta e três em uma hora. Ele se torna vencedor e pensa como a sua vida é boa.

No último capítulo a autora faz um paralelo aos cães de rinhas e a vida de Edgar, dizendo que ambos não tiveram a oportunidade de escolher seu destino, estão apenas seguindo suas sinas. Após uma aposta mal sucedida, os companheiros abatem as últimas cabeças do dia, quando uma viatura se apresenta no local. Estranho, pois essas coisas só acontecem quando há algum caso de morte, coisa que ninguém lembrava. O policial inicia pedindo um copo d'água e questionando os dois rapazes quanto aos seus nomes. Pergunta se conhecem Cleiton de Jesus, os amigos se fazem de desentendido e dizem que não se lembram de ninguém com esse nome, o policial insiste dizendo que ele está desaparecido e que foi visto com os dois. Gerson pergunta se ele trabalhava com porcos, o policial responde que não e diz que seu carro havia desaparecido junto. Uma caminhonete encosta e o homem que estava dirigindo grita para Edgar dizendo que buscará os porcos em duas horas. Edgar pergunta se ele não poderia apenas ter ido embora, o defensor da lei diz que não descarta nenhuma possibilidade. Depois de fazer algumas anotações em seu caderninho o policial se despede e, ao desaparecer na esquina, Gerson pergunta ao colega se não era o rapaz do sequestro, Edgar responde que não se lembra. Voltam ao serviço de tirar vida dos animais.

Após um café Gerson diz que as sessões de hemodiálise estão o matando. Após ir ao banheiro comenta com o amigo que está sendo apenas um fardo em sua vida. Edgar sem reação retribui com um abraço breve no amigo. Naquela noite Gerson aposta em um cão argentino e consegue ganhar de Edgar. Na volta da casa Gerson passa mal e pede para o amigo ir viajar, conhecer a neve com o dinheiro que ele ganhou na aposta. Edgar amanhece abraçado ao corpo de Gerson. O dia seguinte amanheceu nublado e Edgar não foi trabalhar, vendeu a

geladeira e outros objetos de pequeno valor, juntou a algumas poucas economias e ao dinheiro que Gerson tinha ganhado, foi até a rodovia mais próxima e pegou carona com um caminhão que ia para o sul. Iria para o sul até encontrar alguma neve.

Durante a leitura é possível identificar traços simples na vida dos personagens e, principalmente, o abandono em que eles vivem. A vulnerabilidade e a precariedade existencial dos personagens, os leva a cometer crimes sem refletir sobre eles. A ficção se repete na vida real, sendo possível encontrar a todo instante situações verossímeis na sociedade, o que incita a uma reflexão crítica sobre uma geograficidade marcada pela existência de sujeitos em situação acentuada pela violência, criminalidade, dor, sofrimento e morte. Na construção desse submundo fictício, a autora expõe fissuras de uma sociedade carente de valores e princípios éticos, e permite pensar a existência humana sobre a Terra, fragilizada pela tragicidade, terror e medo. ○

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. **Iracema**. Obra Completa. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1959, vol. III.
- AMADO, Jorge. **Mar Morto**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1936.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Sentimento do Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. Vida apressada ou desafios líquidos modernos para a educação. In: \_\_\_\_\_. **A ética é possível num mundo de consumidores?** Trad. Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2011.

## Notas e Resenhas

BOYNE, John. **O garoto no Convés: uma fábula**. 7 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 493 p.

BROWN, Dan. **Fortaleza Digital**. São Paulo: Arqueiro, 1998.

CALVINO, Ítalo. **As cidades Invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, 150 p.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

HOLZER, W. Sobre lugares e lugaridades. **Cidades**, v. 10, n. 17, p. 19-29, grupo de estudos urbanos, UNESP, 2014.

KEROUAC, Jack. **On the Road - Pé na Estrada**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.) **Perspectivas da Geografia**. 2ed. São Paulo: Difel, 1985. p.103-141.

MAIA, Ana Paula. **Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos: duas novelas**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

MARANDOLA JR., Eduardo. Da existência e da experiência: origens de um pensar e de um fazer. **Caderno de Geografia**. Belo Horizonte, v. 15, n. 24, p. 49-67, 1º sem. 2005.

MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, L. H. B. Geograficidade, poética e imaginação. In: MARANDOLA JR, E. J.; GRATÃO, L. H. B. (org.). **Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: Eduel, 2010. p. 7-15.

MELLO, Lucius de. **Eny e o Grande Bordel Brasileiro**. São Paulo: Planeta, 2015. 424p.

ORWELL, George. **A revolução dos bichos: um conto de fadas**. Trad. Heitor Aquino Ferreira. São Paulo: Companhia da Letras, 2007.

SARAMAGO, José. **Claraboia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, 377 p.